

A palavra que faz borda à angústia

Helena Greco Lisita

Nádia Laguárdia de Lima

O Laboratório *Além da Tela: psicanálise e cultura* digital tem como uma de suas frentes de trabalho a atuação em escolas públicas para tratar questões relativas ao uso das tecnologias digitais. Utilizamos a metodologia da conversação de orientação psicanalítica e, a partir da demanda inicial da escola, buscamos escutar os adolescentes sobre as formas de uso, impasses ou problemas advindos dos usos das tecnologias digitais. A metodologia de conversação é uma abordagem coletiva que acolhe as singularidades: cada sujeito é convidado a fazer uso da palavra, tendo a chance de se inserir num discurso e construir o próprio saber acerca do mal-estar que o aflige.

As Telas de Conversa

Em meados de 2020 recebemos demanda de intervenção por parte de uma escola pública de BH, havia preocupação com a situação dos alunos afastados do ambiente escolar, em função da pandemia de Covid-19. Até aquele momento, a escola não tinha dado início ao ensino remoto. Pensamos, então, em oferecer encontros virtuais para os adolescentes.

Telas de conversa foi o nome dado ao projeto de escuta *online*, já que não sabíamos se essa experiência poderia ser nomeada como conversação. Como o próprio nome indica, teríamos pela frente o desafio de conduzir conversações mediadas pela tela de um dispositivo eletrônico. A questão da privacidade e da presença do corpo, em sua materialidade, seriam os maiores desafios. Ficaria comprometida a transferência tão necessária para a continuidade do trabalho? Como se daria a interação com os adolescentes?

Para a nossa surpresa, os encontros *online* funcionaram bem. Tivemos três inscritos de turmas distintas e que não se conheciam. Encontramos os adolescentes extremamente angustiados com a emergência da pandemia e os seus desdobramentos.

No primeiro encontro, todos os adolescentes ligam a câmera (o que se repete nos outros encontros), se apresentam e falam da sensação de perda vivenciada pela pandemia. Pedro a descreve da seguinte forma: “Sinto que roubaram um ano da minha vida. É difícil

conseguir vaga na escola. Para mim estava sendo tudo uma novidade! Os amigos novos, as festas, as saídas da aula. Perdi tudo! Agora fico o dia todo em casa, sozinho. Sinto que estou sem ânimo, pareço mais cansado, não tenho muita concentração para fazer as coisas”. Os outros participantes afirmam que compartilham dos mesmos sentimentos. Leo conta que também está sendo difícil ficar em casa. Ele e a mãe não se dão muito bem, ela é muito rigorosa, reclama que ele fica o dia todo à toa.

Enquanto Pedro se queixa da solidão em casa, Leo se angustia com a presença invasiva da mãe. Lacan (1962-1963/2006) destaca que a experiência subjetiva da angústia aponta para o surgimento do que não deveria surgir, o objeto de pura falta que ali surge para indicar que este lugar lógico deve permanecer vazio. O autor indica que há sempre um certo vazio a preservar, e a angústia irrompe perante uma ruptura de significação, como uma experiência de destituição subjetiva, na qual, quem a vivencia encontra-se repentinamente como objeto à mercê do Outro.

No segundo encontro, o tema central foi a insegurança em relação às aulas on-line. Leo conta que está muito angustiado com o fato de não saber como seria a implementação do ensino remoto. “Por mim poderia ficar sem aula mesmo. Eu não entrei pra essa escola tão boa, pra ficar tendo aula *online*. Não é a mesma coisa! Prefiro que cancele o ano. Ano que vem a gente faz direito”. Todos concordam com ele e João conta aos colegas: “o grêmio está se mobilizando, mas parece que não vai adiantar. A opinião dos alunos não está sendo considerada”. Em seguida, diz para a animadora: “eu topei participar desses encontros porque pensei que você fosse nos dar notícias da escola. Depois entendi que você era de fora, mas, mesmo assim tem sido bom participar, é bom poder falar do que a gente tá sentindo, saber que tem alguém para escutar a gente”.

Para Lacan (1962-1963/2006), só há superação da angústia quando o Outro é nomeado. Se a angústia é uma destituição subjetiva, pela intrusão de um gozo Outro, o amor, por sua vez, pode instituir o sujeito nesse contexto da pandemia, em que ele está reduzido a seu corpo de vivente, ameaçado de sua vida. O dispositivo analítico permite suportar as manifestações de angústia, constatando, acolhendo e operando com os afetos próprios que a articulação significante transporta (Soler, 2012).

No terceiro encontro, as queixas dão lugar às soluções individuais. João conta que estava sendo mais fácil ficar em casa. “Eu gosto de ler, estudar, estou aproveitando para ler umas coisas diferentes que eu não tinha tempo de ler”. Em seguida Pedro conta que não tem o

hábito de sair à noite, e que é na escola que se dá a maior parte do seu convívio social. João concorda e diz: “A gente até mantém o contato com os colegas pelo *whatsApp*, mas não é a mesma coisa. Cansa, a gente vai ficando de saco cheio de tela”. Leo passa a falar das atividades que gosta de fazer em casa. Diz que gosta de jogar, e que quando cansa, toca música. Diante da impossibilidade de retomar as atividades na escola, eles passam a falar sobre o que é possível fazer em casa. A conversação permite a aproximação dos jovens a partir de interesses comuns, mas também dá lugar às diferenças individuais. Se o isolamento social parecia inicialmente insuportável, a possibilidade de falar e de ser escutado confere certo apaziguamento à angústia.

Em seguida, passam a falar sobre o que sentem falta com a interrupção das aulas. Léo conta que sente muita falta de circular pelos arredores da escola. “A escola fica num lugar bem diferente do bairro onde moro, lá passei a conhecer um monte de lugares e pessoas. Sinto falta dos encontros depois da aula, dos almoços com os colegas”. Pedro comenta: “às vezes na volta da escola eu pegava outro ônibus só pra ficar rodando pela cidade. Eu gosto muito, é um momento que eu paro para pensar, para prestar atenção nas ruas, nas coisas da cidade”. E Léo completa: “verdade, eu sinto tanta falta de tudo, até do ônibus lotado eu tô com saudade!”.

A angústia surge quando caem as referências simbólicas por meio das quais o sujeito situa o seu lugar no Outro. As mudanças na rotina, a perda dos limites entre o público e o privado proporcionadas pelo confinamento social e pela imersão virtual, contribuem para desalojar o sujeito do campo do Outro.

A adolescência pode ser pensada como um tempo lógico de passagem da referência familiar, suporte do sujeito na infância, ao grupo social mais amplo. O adolescente, ao se desligar da autoridade e das identificações parentais, passa a ter necessidade de se reposicionar num mundo que se torna ampliado abruptamente: o espaço familiar torna-se insuficiente, eles precisam ganhar o mundo, circular pelo espaço urbano.

Se ir para a escola representa a possibilidade de separar-se do espaço familiar e de inserir-se no espaço público, o confinamento é sentido por eles como a perda da liberdade recém conquistada, como um retrocesso no processo de separação dos pais. No entanto, se a separação que está em questão na adolescência não é física, mas simbólica, a intervenção realizada foi no sentido de marcar que o que haviam conquistado não seria perdido.

No quarto encontro, os jovens contam que receberam um comunicado da escola avisando que as aulas on line começariam. Não tinham recebido muitos detalhes, mas pelo que haviam entendido a maioria das aulas seria dada através de vídeos gravados. João diz: “eu acho um absurdo! Pra que serve o professor? A gente pode assistir um vídeo do *you tube* então! Dá no mesmo! A gente não vai aprender nada assim com vídeo gravado. E se a gente tiver uma dúvida? Não adianta assistir mil vezes, a explicação vai ser sempre a mesma! Os demais participantes concordaram.

No quinto encontro Leo conta sobre o início das aulas remotas: “está sendo do jeito que eu já sabia. Uma bagunça. Horrível!”. Os demais concordam. Contam que as aulas estavam acontecendo sem um padrão, cada professor dava aula de uma maneira, usando um dispositivo diferente. Uns mandavam vídeos gravados, outros marcavam aulas *online*. “Eles estão mandando muita atividade pra fazer em casa. A gente tá tendo que se virar sozinho. Não estou gostando”, conta Pedro. Leo concorda, “é muita atividade mesmo! Eu não estou tendo tempo pra nada! Está difícil me organizar. Estou desanimado, sem vontade nenhuma de fazer as atividades que eles mandam”.

Os adolescentes destacam que a substituição do ensino presencial pelo remoto envolve perdas. A imagem reproduzida numa tela plana, bidimensional, não capta todo o colorido pulsional que se transmite no encontro corpo a corpo. No confinamento de suas casas, sem a confrontação dos corpos, os jovens imersos na tela e sobrecarregados de atividades queixam-se do corpo cansado, da dispersão e do desinteresse pelas aulas virtuais.

No sexto encontro, eles retomam as queixas em relação ao ensino remoto. Contam que “as coisas continuam na mesma: muita atividade pra fazer em casa, pouco contato com os professores e muito desânimo pra estudar”. João diz que gostaria muito que a escola desse mais espaço para eles, que eles pudessem dar opiniões, sugestões sobre as aulas. “As aulas pensadas assim, sem a nossa participação, ficam muito sem sentido pra mim”.

A seguir, Pedro fala sobre a importância da conversação para ele: “é bom mesmo ter alguém que escuta a gente. Pra mim foi muito importante participar, poder conversar com vocês sobre o que está acontecendo, sobre o que eu estou sentindo”. Leo concorda e diz: “depois dessa experiência estou pensando até em fazer terapia.”

Observamos que, mesmo através da tela, foi possível escutar as ressonâncias do encontro com o real da pandemia sobre cada adolescente. Diante da sensação de uma perda

irreparável (“perdi um ano da minha vida!”), cada adolescente pôde construir um sentido particular para o que fora perdido, se inscrevendo na cena do Outro. Léo dirige à animadora da conversação uma demanda de análise.

Como salienta Accarini (2021): “Nós, analistas, e o discurso do qual nos valem, portamos os meios essenciais para fazer ressoar a voz que resguarde os corpos falantes”. Esse espaço para a palavra permitiu um alargamento do tempo de compreender, com o efeito de apaziguamento da angústia.

Referências Bibliográficas:

ACCARINI, I. O analista essencial. Em: Revista Almanaque, n. 26/Março 2021.

Disponível em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php/analistaess>

LACAN, J. (1962-1963). A angústia, O Seminário, livro 10. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SOLER, C. Declinações da Angústia. São Paulo: Escuta, 2012.